



Graduação Pós-Graduação
 Artigo completo Relato de prática Resumo expandido

GESTÃO FINANCEIRA COMPARTILHADA: UM ESTUDO PRELIMINAR

Lucas Werneck Louzada
Universidade Federal Fluminense
lucas_louzada@id.uff.br

RESUMO

Este estudo investiga modelos híbridos de gestão financeira compartilhada, combinando contas conjuntas e individuais, mesadas e divisão proporcional de despesas, e seus impactos sobre autonomia, equidade e bem-estar conjugal. A revisão narrativa da literatura abrangeu artigos acadêmicos, dissertações, monografias e relatórios técnicos publicados entre 2010 e 2025, em português e inglês, organizados em cinco eixos: finanças pessoais, gestão orçamentária familiar, autonomia e equidade, bem-estar e estresse financeiro, e modelos híbridos. Os resultados indicam que os arranjos híbridos promovem maior clareza na alocação de recursos, preservam autonomia individual, reduzem conflitos e incentivam poupança e investimentos conjuntos, fortalecendo comunicação e cooperação entre parceiros. No entanto, persistem desigualdades sutis de poder e limitações metodológicas, incluindo escassez de estudos longitudinais e contextos socioeconômicos diversos. A adoção de tecnologias financeiras digitais surge como facilitadora, mas requer educação financeira e digital. Conclui-se que arranjos híbridos equilibram autonomia e interdependência, contribuindo para bem-estar e planejamento financeiro, mas demandam mais pesquisas para compreender plenamente seus efeitos sobre equidade, saúde mental e construção de patrimônio familiar. O estudo reforça a importância de práticas financeiras estruturadas, diálogo aberto e literacia financeira como instrumentos centrais para promover relações conjugais equitativas e resilientes.

Palavras-chave: Finanças Pessoais; Arranjos Híbridos; Autonomia; Equidade; Planejamento Financeiro.

1 INTRODUÇÃO

A gestão financeira no contexto conjugal é um fenômeno multifacetado que vai além da simples alocação de recursos monetários. Ela reflete dinâmicas de poder, identidade, valores culturais e padrões de tomada de decisão compartilhada, impactando diretamente o bem-estar individual e relacional. Estudos clássicos em sociologia econômica e finanças pessoais indicam que a forma como os casais organizam suas finanças influencia não apenas a autonomia e a equidade, mas também a percepção de justiça, confiança e satisfação conjugal (Pahl, 2008; Burgoyne et al., 2007).

A literatura identifica três modelos principais de gestão financeira compartilhada: centralizado, individualizado e híbrido. O modelo centralizado concentra o controle financeiro em um dos parceiros, podendo otimizar a eficiência orçamentária, mas gerando risco de desigualdade de poder e conflitos latentes. O modelo individualizado valoriza a autonomia de cada cônjuge, favorecendo independência e liberdade financeira, mas pode dificultar a execução de objetivos compartilhados, como planejamento de patrimônio ou investimentos conjuntos. Já os arranjos híbridos combinam contas conjuntas e individuais, apresentando potencial para equilibrar cooperação e independência, embora demandem disciplina, comunicação constante e adaptação a contextos culturais e socioeconômicos específicos (Van Raaij; Antonides; De Groot, 2020).

Apesar do reconhecimento crescente da relevância do tema, lacunas persistem na literatura. Observa-se predominância de estudos exploratórios e qualitativos, limitada investigação sobre impactos longitudinais e escassez de análises sobre a integração de tecnologias digitais — como aplicativos financeiros, contas digitais e sistemas de monitoramento remoto — nos arranjos de gestão familiar. Além disso, a maior parte das pesquisas concentra-se em contextos europeus e norte-americanos, deixando pouco exploradas as práticas latino-americanas, onde padrões culturais, sistemas de crédito e tecnologia financeira podem influenciar significativamente o comportamento financeiro conjugal.

Diante desse cenário, o presente estudo busca mapear, por meio de revisão narrativa da literatura, as práticas, conceitos e evidências empíricas sobre gestão financeira em casais, com foco nos modelos híbridos, seus efeitos sobre autonomia, equidade e bem-estar, e as oportunidades de integração de novas tecnologias. O objetivo é oferecer uma visão abrangente e crítica do estado da arte, identificando convergências, divergências e lacunas, contribuindo para o avanço do conhecimento acadêmico e para a reflexão sobre práticas estratégicas de

gestão financeira no contexto familiar contemporâneo.

Foi realizada uma revisão narrativa da literatura, selecionando artigos acadêmicos, dissertações, monografias e relatórios técnicos publicados entre 2010 e 2025, em português e inglês. A análise foi organizada em cinco eixos temáticos: (i) finanças pessoais e casais; (ii) gestão orçamentária familiar; (iii) autonomia e equidade financeira; (iv) bem-estar e estresse financeiro; e (v) modelos híbridos de gestão financeira. A revisão narrativa é indicada para temas emergentes ou pouco explorados, permitindo combinar achados de diferentes fontes e gerar uma análise crítica do estado da arte (Green, Johnson & Adams, 2006; Baumeister, 2013). Esta abordagem permitiu mapear conceitos, práticas e evidências empíricas, destacando convergências, divergências e lacunas na produção acadêmica.

2 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise da literatura revelou que a forma como os casais estruturam suas finanças impacta diretamente fatores como autonomia, equidade, bem-estar e percepção de justiça nas relações. Em modelos centralizados, onde uma pessoa assume o controle majoritário dos recursos, observa-se maior potencial de conflitos relacionados à desigualdade de poder e à insatisfação conjugal, mesmo quando há eficiência na alocação de recursos (Burgoyne et al., 2007; Pahl, 2008). Por outro lado, os modelos individualizados promovem autonomia e independência financeira, mas podem gerar fragmentação do planejamento familiar e dificuldades na execução de objetivos compartilhados, como poupança conjunta e aquisição de patrimônio.

Arranjos híbridos surgem como alternativas flexíveis, combinando contas conjuntas para despesas compartilhadas e contas individuais para gastos pessoais. A literatura indica que esses arranjos facilitam a cooperação financeira sem comprometer a autonomia individual, contribuindo para a percepção de equidade e reforço de confiança entre parceiros (Van Raaij; Antonides; De Groot, 2020). No entanto, estudos recentes apontam que a eficácia dos arranjos híbridos depende de fatores como disciplina, comunicação contínua e alinhamento cultural e socioeconômico, sugerindo que tais modelos não eliminam automaticamente as desigualdades latentes entre os cônjuges (HBKS Wealth Advisors, 2025).

O levantamento evidencia que o planejamento financeiro conjunto, aliado à literacia financeira, desempenha papel fundamental na redução de conflitos relacionados a dívidas, no fortalecimento da confiança mútua e na concretização de metas de curto e longo prazo.

Estratégias como orçamento estruturado, acompanhamento sistemático de gastos e definição de responsabilidades compartilhadas são citadas como práticas que promovem não apenas a saúde econômica, mas também o bem-estar psicológico e a estabilidade relacional (Archuleta et al., 2011; Jurčišinová et al., 2025).

Outro aspecto relevante identificado é a influência da tecnologia. Aplicativos de gestão financeira, contas digitais e ferramentas de monitoramento remoto surgem como facilitadores da comunicação e do controle orçamentário. No entanto, a literatura indica que a adoção dessas tecnologias deve ser acompanhada de educação financeira e digital adequada, sob pena de gerar desequilíbrios ou reforçar padrões de desigualdade existentes.

Por fim, as lacunas observadas na literatura — predominância de estudos exploratórios e qualitativos, escassez de análises longitudinais e limitada investigação sobre contextos latino-americanos — reforçam a necessidade de pesquisas futuras que considerem a interação entre fatores culturais, socioeconômicos e tecnológicos. A discussão evidencia que a gestão financeira familiar é um campo complexo, em que práticas financeiras concretas, dinâmicas de poder, valores culturais e bem-estar psicológico interagem de forma contínua, exigindo análises integradas e multidisciplinares.

3 CONCLUSÕES

Com base na revisão narrativa realizada, conclui-se que a gestão financeira no contexto compartilhado deve ser compreendida não apenas como prática técnica de alocação de recursos, mas como um fenômeno multidimensional que integra fatores emocionais, sociais, culturais e tecnológicos. Arranjos híbridos, embora eficazes na conciliação entre autonomia individual e cooperação, demonstram que o equilíbrio financeiro não elimina automaticamente desigualdades preexistentes, evidenciando a necessidade de atenção contínua à equidade de poder e à transparência nas decisões conjuntas.

A pesquisa reforça a centralidade da comunicação aberta e da literacia financeira como pilares para reduzir conflitos e fortalecer a confiança entre parceiros. Além disso, evidencia-se que o planejamento financeiro estruturado contribui para o bem-estar psicológico, reduzindo estresse e promovendo maior estabilidade emocional e relacional, fatores essenciais para o desenvolvimento sustentável do núcleo familiar.

Identificou-se também que a integração de tecnologias digitais, como aplicativos de gestão financeira e plataformas de controle orçamentário, representa uma oportunidade



emergente para otimizar a gestão financeira conjugal, facilitando o monitoramento compartilhado de recursos e a personalização de estratégias de economia e investimento. Entretanto, a adoção dessas ferramentas exige educação digital, adaptação cultural e alinhamento entre os parceiros, sob pena de reforçar desigualdades existentes.

Por fim, a análise evidencia lacunas metodológicas e conceituais que devem orientar pesquisas futuras: a necessidade de estudos longitudinais que avaliem impactos psicológicos e comportamentais da gestão financeira, a ampliação do foco para contextos latino-americanos com práticas híbridas informais e a investigação sobre como normas culturais e socioeconômicas influenciam escolhas financeiras conjuntas. Dessa forma, este estudo contribui para consolidar a gestão financeira familiar como campo estratégico de análise social, oferecendo subsídios para políticas públicas, programas de educação financeira e intervenções voltadas para promoção de equidade e bem-estar nas relações conjugais.

REFERÊNCIAS

ARCHULETA, K.; WARNER, C.; LARRICK, R. Financial management in couples: impacts on well-being. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 32, n. 4, p. 500–512, 2011.

BAUMEISTER, R. F. Writing a narrative review. **Journal of Social and Clinical Psychology**, v. 32, n. 7, p. 687–694, 2013.

BURGOYNE, C.; EVANS, R.; HUGHES, D. **Money and relationships: exploring power dynamics**. London: Routledge, 2007.

GREEN, B. N.; JOHNSON, C. D.; ADAMS, A. Writing narrative literature reviews for peer-reviewed journals: secrets of the trade. **Journal of Chiropractic Medicine**, v. 5, n. 3, p. 101–117, 2006.

HBKS WEALTH ADVISORS. **Trends in financial management for couples**. Pittsburgh: HBKS, 2025.

JURČIŠINOVÁ, Z.; et al. Financial stress and well-being in modern households. **International Journal of Consumer Studies**, v. 49, n. 3, 2025.

PAHL, J. Money and marriage: the social construction of financial management. **Journal of Social Policy**, v. 37, n. 2, p. 215–234, 2008.

VAN RAAIJ, W.; ANTONIDES, G.; DE GROOT, A. Household financial behavior and well-being. **Financial Planning Review**, v. 3, n. 1, 2020.